

ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE IVO DAS CHAGAS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A GEOGRAFIA MÉDICA

BIOGRAPHICAL ASPECTS OF IVO DAS CHAGAS AND ITS CONTRIBUTION TO MEDICAL GEOGRAPHY

Sandra Célia Muniz Magalhães

Universidade Estadual de Montes Claros

sandra.muniz@unimontes.br

Samuel do Carmo Lima

Instituto de Geografia

samuel@ufu.br

O Prêmio Josué de Castro oferecido ao professor Ivo das Chagas pelo II Congresso Internacional & IV Simpósio Brasileiro de Geografia da Saúde, por sua grande contribuição e pioneirismo entre os geógrafos brasileiros na Geografia Médica e da Saúde, é uma justa homenagem àquele que precedeu a todos nós.

“... Eu diria mais o seguinte, sem falsa modéstia que aí eu fiz geografia médica na prática e não na teoria”.

RESUMO

Este trabalho apresenta alguns aspectos biográficos de Ivo das Chagas, chamado no Norte de Minas de “Pai do Cerrado”, porque sempre o defendeu ardorosamente. Ainda, recordamos com alegria a justa homenagem recebida pelo Prof. Ivo no II Congresso Internacional e IV Simpósio Nacional de Geografia da Saúde, realizado em Uberlândia, em dezembro de 2009, quando lhe foi entregue o prêmio Josué de Castro. Prestamos aqui nossa homenagem àquele que é um grande homem, mestre de muitos professores e um dos pioneiros desta última fase de grande crescimento da Geografia Médica e da Saúde no Brasil. Salve Ivo das Chagas!

Palavras chaves: Ivo das Chagas, Geografia médica, Geografia da Saúde

ABSTRACT

This paper presents the biographical aspects of Ivo das Chagas, called at the North of Minas Gerais "Father of the Cerrado," because he always defended it passionately. Still, we remember with joy the homage received by Prof. Ivo in the II International Congress and IV National Symposium of Geography of Health, held in Uberlândia - Brazil, in December 2009, when was given him the award Josué de Castro. We homage him, a great man, master of many teachers and one of the pioneers of this last phase of growth of Medical Geography and Health in Brazil. Raise your glasses for Ivo das Chagas.

Key-words: Ivo das Chagas, Medical geography, Geography of health

INTRODUÇÃO

O Professor Ivo das Chagas nasceu em 10 de julho de 1933. Foi concebido no Piauí, gestado na Bahia e nascido em Minas Gerais, pois sua mãe ainda gestante foi à procura do marido que tinha ido para esse Estado fazer o levantamento de uma estrada de ferro que ligaria São Romão-MG a Formosa-GO. Observa-se que nessa época já ocorria o fluxo migratório da região Nordeste para outras áreas, pela busca de emprego ou melhores condições de vida.

De acordo com o Professor Ivo, na viagem do Piauí para Minas Gerais, houve um surto de febre tifóide no vapor que o seu pai e dois irmãos viajavam, matando mais ou menos metade dos tripulantes e dos passageiros, incluindo os seus familiares, que foram a óbito em Bom Jesus da Lapa. Entretanto, a sua mãe já se encontrava em São Romão, onde foi acolhida por um fazendeiro de lá, quando recebeu a notícia de que teria morrido muita gente na região da Lapa de Bom Jesus aproveitou um barqueiro que estava descendo o rio, foi até Bom Jesus da Lapa, onde constatou a morte de seu marido e dos dois filhos menores.

Não restando nada a fazer em Bom Jesus da Lapa-BA, sua mãe retornou com o mesmo barqueiro que fazia o trânsito entre essa cidade e Pirapora-MG, já que nessa época a barca era um dos principais meios de transportes e de acesso a locais distantes como é o caso das cidades citadas.

Professor Ivo aponta que retornando a São Romão, cidade situada entre Carinhanha-BA e Pirapora-MG, sua mãe, juntamente com duas filhas e uma sobrinha, foi novamente acolhida pela família Martins.

Segundo Professor Ivo, nessa época São Romão já era historicamente uma das cidades mais importante do Vale do São Francisco, pois foi um dos primeiros povoados do São Francisco mineiro - local tradicional que foi inclusive um posto de cunhagem de moedas no tempo da mineração em Ouro Preto. Nesse contexto nasce o Professor Ivo das Chagas.

Nas idas e vindas do barqueiro á Bom Jesus da Lapa, ele sempre visitava a viúva, fato que terminou em casamento. Mais tarde, tal barqueiro, chamado José Apolônio da Silva, “afazendou” nas margens do médio Paracatu, onde passou a residir com a nova família.

Lá o menino Ivo das Chagas foi criado de maneira livre, em contato direto com a realidade dos cerrados e das gentes do sertão de Guimarães Rosa. Na realidade, foi mais cuidado pelos agregados e pelas “crias de casa” do que pelos pais propriamente, aliás, isso ocorria em todas as fazendas sertanejas.

Em contato direto com a gente rude do sertão, suas histórias, seus causos e suas lendas, mais as viagens constantes com seu pai adotivo pelos Gerais mineiro, Ivo das Chagas muito aprendeu e durante toda a sua vida utilizou-se dos conhecimentos que adquiriu naquele período.

Após um desastre financeiro, ocorrido em razão de doença e respectivo tratamento de um dos membros da família, foram obrigados a ir para a cidade, abandonando suas lides na fazenda e seu conseqüente afastamento da vida rural, resultando na transferência de toda a família para a cidade de Pirapora.

Ivo das Chagas fala com carinho do pai adotivo:

Ele criou todos nós como se fossemos filhos verdadeiros, ele era uma pessoa muito simples, iletrado, mas extremamente amoroso. Ele não aceitava nem que alguém dissesse que nós não éramos filhos dele. Embora ele bem mulato e nós bem branquinhos, mas éramos filhos dele, não adiantava alguém querer questionar dizendo que não era.

Quando chegou em Pirapora, o Professor Ivo tinha aproximadamente dez anos e até essa época não havia estudado. O seu primeiro contato com o ensino foi no Grupo Escolar da Vila de Buritizeiro (que naquela época era um distrito de Pirapora que ficava à frente da cidade do outro lado do rio). Ivo das Chagas relata os tempos difíceis passados nessa época:

Desde cedo tivemos que lutar pela sobrevivência. Naquela circunstância meu pai colocou como objetivo principal de vida o seguinte: nesta casa, podemos andar descalço, de roupa rasgada, mas ninguém vai passar fome, todos nós vamos trabalhar e assegurar nosso sustento. Sem escolaridade, aceitou o trabalho braçal de cravador de casco dos vapores, na antiga Navegação Mineira do São Francisco. Enquanto isso minha mãe, fazia bolo e biscoito (quitandas) para serem vendidos nas ruas da cidade. Por outro lado fizemos a maior horta da região produzindo hortaliças variadas para abastecer os vapores.

O Professor afirma que a sua relação com o rio São Francisco é muito grande e muito antiga, desde a época em que viajava com seu pai de barca nesse rio, “tanto que eu peguei minha 1ª malária com seis meses de idade, fui batizado pela malária, dentro das barcas”.

Mais tarde, a compra de hortaliças pelos vapores foi diminuindo cada vez mais, já que a tripulação ao chegar em Pirapora era desembarcada e recebia a etapa (vale refeição). A comida deixou de ser feita nas embarcações, não havendo mais razão de continuar com a horta. Nessa altura, seu pai obteve uma séria crise cardíaca o que o levou a uma aposentadoria precoce. Não tendo mais o que fazer na cidade retornaram a vida rural nas proximidades de Pirapora, trabalhando na base da “meia”, conseqüentemente teve de abandonar os estudos no segundo ano primário.

As atividades rurais terminaram em fracasso, voltando à cidade foi trabalhar em uma loja de artigos variados. Trabalhou também na Fundação Caio Martins, oportunizando a continuação dos seus estudos, quando sem completar o chamado grupo escolar fez a admissão ao ginásio.

Aos 16 anos foi contratado como taifeiro pela navegação mineira. Foi trabalhando nos vapores que ele afirma ter conhecido o São Francisco em sua plenitude e se apaixonado por ele. Trabalho difícil, muito sofrido, “mas de qualquer forma uma coisa assim muito interessante porque cada dia era uma surpresa, uma coisa diferente, um trabalho, um passageiro”. Afirma ter saído dessa atividade somente quando entrou pro Tiro de Guerra.

Já com 18 anos, ocorreu o que Professor Ivo chama de “o Grande Despertar”. Foi quando entrou no tiro de Guerra.

Em Pirapora havia essa instituição, que acabou, o Professor diz não entender o porquê, pois segundo ele, era uma verdadeira escola para as pessoas do interior. Entendia que quando os jovens entravam no exército, tinham todas as instruções necessárias para a vida. Afirma que foi no tiro de guerra que conheceu um Sargento chamado Josafá Ferreira Dias, um afro-brasileiro. Relata que foi com esse Sargento que teve a sua primeira visão de mundo, e foi nesse momento que ocorreu o seu grande despertar para a vida.

Fala com orgulho e emoção da sua passagem pelo exército e do incentivo do Sargento, que foi fundamental para o seu engajamento na educação: “tenho orgulho disso, até hoje a minha caderneta está aqui, não sumiu, pois guardo com muito carinho”. E está escrito lá, passou em 1º lugar em tudo e por tudo: nas atividades de tiro ao alvo, ordem, disciplina e, sobretudo a aprendizagem nas aulas de geografia, história, matemática e português.

Tais princípios adquiridos e o grande aprendizado no exército, certamente foram decisivos para passar no concurso do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), onde fez o curso de laboratório de análises clínicas.

Durante o curso, pôde ampliar seus conhecimentos, principalmente em relação ao senso de respeito à vida humana, momento em que também tomou conhecimento da realidade sanitária brasileira.

Destaca que freqüentou o curso trabalhando com médicos e enfermeiros e que esse pessoal acabou construindo a visão que tem sobre epidemiologia. Aponta que começou também a participar dos inquéritos coprológicos: “fizemos vários trabalhos práticos na área do endemismo brasileiro”. Afirmar que o quadro endêmico daquela época, com exceção da malária, continua até hoje, especialmente no norte de Minas Gerais.

Durante treze anos trabalhou em laboratório de análises clínicas entre as cidades de Conselheiro Pena, Coração de Jesus e Pirapora. No norte de Minas, ele se impressionou não apenas com a situação sanitária, mas também com o quadro social da região. Uma das situações mais triste constatada por ele se referia à tuberculose, depois do diagnóstico laboratorial, a pessoa, ou às vezes toda a família comprovadamente contaminada, era devidamente tratada e curada. Entretanto, a doença voltava, matando todos os membros da família, pai, mãe e filhos. A causa da morte repousava não na doença propriamente dita, mas na desnutrição, ou seja, fome carencial e às vezes aguda.

Relata que em Coração de Jesus, faziam também o tratamento de esquistossomose, que naquela época era altamente tóxico, sendo muitas vezes fatal, já que os pacientes acometidos pela doença já se encontravam fragilizados pela desnutrição.

De volta à Pirapora, onde trabalhou a maior parte do tempo em laboratório, assegura que não existia a esquistossomose, entretanto, tinha todos os demais complexos e patogenias das endemias. Nessa época ocorriam muitas mortes de crianças por tétano na cidade. Identificada a causa da tetania, que era a contaminação do material utilizado pelas parteiras, o SESP fez um programa de prevenção do tétano através da esterilização dos instrumentos de trabalho das pessoas que faziam os partos. O Programa foi de tal forma exitoso, que zerou-se a ocorrência de tétano infantil.

O Professor Ivo afirma que foi nessa época que começou os seus contatos com a Geografia médica. Afirmar ainda que, na realidade, suas incursões nessa área foram mais práticas do que teóricas ou acadêmicas.

Ivo das Chagas bebeu Geografia Médica da fonte de Josué de Castro e Samuel Bransley Pessoa. Não conhecia nenhum geógrafo com quem pudesse compartilhar suas preocupações sobre a saúde pública, principalmente sobre a condição de enfermidade crônica do homem do sertão. Teve como companheiro de discussões João Carlos Pinto Dias, filho do grande Ezequiel Dias, discípulo de Carlos Chagas; com quem viajou para a França em 1990 para participar do “Colloque Homme - Santé - Tropiques”, organizado pela Organização Mundial da Saúde, em Paris.

O grande pesquisador Ivo das Chagas deixou pouca coisa escrita. Era homem da oratória, entretanto, mais fazia do que falava. Tanto em suas aulas como nas palestras que proferia por todo o Brasil, seu tema era sempre o cerrado e o homem do sertão, principalmente sua miséria e suas doenças. Aliás, um dos poucos escritos do professor Ivo das Chagas é o artigo publicado no *Compte-rendu des débats du Colloque “Homme-Santé-Tropiques”*, que tem o título “La maladie de chagas: aspects sociaux et humains”. Sua conclusão é:

temos de admitir que os problemas sociais causados pela doença de Chagas são muito graves e devem ser resolvidos. É verdade que estes problemas estão a ser combatidos de forma eficaz em regiões

como as desenvolvidas pela luta eficaz contra os triatomíneos e escolha cuidadosa de sangue de doadores nos grandes centros urbanos. Mas a solução final não pode ser encontrada sem pesquisar o desenvolvimento global do país e aplicar uma política deliberada de erradicação desta doença.

O Prêmio Josué de Castro oferecido ao professor Ivo das Chagas pelo II Congresso Internacional & IV Simpósio Brasileiro de Geografia da Saúde, por sua grande contribuição e pioneirismo entre os geógrafos brasileiros na Geografia Médica e da Saúde, é uma justa homenagem àquele que precedeu a todos nós.

Trajetória Acadêmica

Ivo das Chagas relata que era um leitor inveterado, “lia até dicionário e livro de vitamina”, o que lhe facilitou passar em primeiro lugar no vestibular de Geografia na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG em 1964. Considerou esse fato uma vitória para quem começou o primeiro grau aos 25 anos de idade.

Nessa época ainda era funcionário do SESP, porém estava de licença prêmio. Portanto, começou a prestar serviços no INERU – Instituto Nacional de Endemias Rurais – liderado pelo maior malacologista do mundo, Dr. Lobato Paraense. Hoje o mais idoso cientista do Brasil em atividade. Nesse período, travou conhecimento bem próximo dessa problemática no país. Trabalhou na criação, dissecação e busca de caramujos, quando teve conhecimento mais aprofundado sobre a esquistossomose e seus efeitos deletérios sobre a saúde humana, momento em que novamente tentou fazer “Geografia Médica” na prática.

Quando terminou a licença, saiu desse Instituto e do SESP, porém já estava lecionando à noite nos principais colégios de Belo Horizonte.

O Professor Ivo das Chagas

Começou a dar aula de Geografia em Belo Horizonte, quando ainda fazia o curso, chegando a ser coordenador da área em algumas instituições de ensino médio, especialmente na rede Roma de colégios.

Em 1969, fez a viagem dos sonhos de qualquer ser humano, com o Professor David Márcio Santos Rodrigues. Foi uma viagem de três meses em torno do planeta, quando afirma ter tido uma visão concreta de mundo.

Iniciaram a viagem pela África, depois Europa, Ásia, América do Norte e América do Sul. Na Ásia eles conheceram a Índia, a China (Hong Kong) e Japão. Conheceram quase todos os países da Europa Ocidental. Na América do Norte foram até a fronteira do Canadá com os Estados Unidos. Na América do Sul passaram pelo Chile, Argentina e Peru. Ressalta que a viagem foi muito importante, pois teve contato com outras civilizações, com “outros mundos”.

Ao retornar a Belo Horizonte, saiu do Colégio que trabalhava e foi para Brasília. Chegando em Brasília fez um concurso para professor de Geografia, porém não foi para a sala de aula, foi ser coordenador de Geografia da rede de ensino oficial do Distrito Federal. Ficou em Brasília vários anos, lecionou em diversos colégios e em algumas faculdades como CEUB, UNB e União Pioneira do Instituto Social - UPIS, instituição que ele ajudou a fundar.

Em 1978 foi para a França, onde passou um ano e oito meses estudando. Fez mestrado na área de Biogeografia e Meio Ambiente na Universidade de Bordeaux III, cuja temática recaiu sobre o cerrado brasileiro, vis-à-vis às savanas africanas. Assistiu também a todas as aulas do Curso do Diploma de Estudos Aprofundados na mesma Universidade.

Voltou ao Brasil e teve a oportunidade de trabalhar na Secretaria Especial de Meio Ambiente, onde permaneceu alguns anos, chegando a ser Secretário Adjunto daquela

Secretaria.

Certa vez, passando de avião por Três Marias, afirma ter visto uma mancha imensa no cerrado, “uma ilha”, e decidiu que faria dessa área uma estação ecológica, “a primeira estação ecológica do cerrado de Minas Gerais”. Pediu afastamento do cargo no Ministério e foi instalar e coordenar essa estação ecológica.

Nesse ínterim, durante todo o tempo, fazia palestras pelo Brasil inteiro na tentativa de salvar o cerrado e o Rio São Francisco. Relata que “O cerrado e o São Francisco são dois fenômenos que estão muito juntos, um dependendo do outro, são interdependentes e essa preocupação com o cerrado começou muito cedo, quando eu estava ainda cursando Geografia”. Afirma que suas ligações com o cerrado são bastante antigas, pois a fazenda do seu pai era no cerrado, em Pirapora, cidade na qual morou durante anos, e o rio São Francisco é também circundado por essa vegetação, no alto e médio curso dele. Em função disso descobriu a importância do cerrado em nível nacional, especialmente no que se refere aos recursos hidrológicos, o que lhe fez ligar-se profundamente a esses ecossistemas tropicais, lutando permanentemente em sua defesa.

Realizou diversas ações em defesa do cerrado e do rio São Francisco, desempenhando importante papel em movimentos em favor da conservação desse bioma, especialmente no que diz respeito ao desmatamento generalizado, à poluição pelas grandes indústrias e ao avanço da fronteira agrícola com seus venenos letais para a flora e fauna aquáticas.

O Casamento

O Professor Ivo casou-se pela primeira vez aos trinta e sete anos, deste resultou o nascimento da sua amada filha, Ivana Cabral das Chagas que lhe deu três netos. Quanto ao seu segundo casamento, com uma mulher chamada Gilmará, considera ter ganhado na mega-sena, esposa amorosa, amiga e companheira em todos os momentos. Com ela teve uma trajetória de vida brilhante, de respeito e harmonia. Criaram os filhos, a filha do primeiro casamento e o seu querido filho Ivo das Chagas Filho, os quais têm lhe dado muitas alegrias.

Além do amor incondicional da esposa Gilmará durante o período em que esteve doente, o Professor Ivo assegura que teve o apoio e carinho de muita gente, especialmente de seus ex-alunos e até mesmo de seus professores, a exemplo do Professor Clarêncio Abad, um espano-brasileiro, que além de ser seu melhor mestre, teve a virtude de lhe iniciar nos bons vinhos.

Ivo das Chagas e a UNIMONTES

O Professor Ivo das Chagas fala com entusiasmo da sua atuação como Professor na Universidade Estadual de Montes Claros. Comenta: “eu gostaria de abrir um capítulo especial, especialíssimo mesmo da minha atuação na UNIMONTES que é a minha universidade ou eu não sei se eu é que sou da universidade”. Começou a trabalhar na UNIMONTES a pedido de um grande amigo. Trabalhava na época em Pirapora como chefe de gabinete de “um dos maiores Prefeitos que Pirapora já teve até hoje, José Raimundo”, quando o “saudosos Antônio Jorge” que foi seu colega de universidade na UFMG, convidou-o para trabalhar sobre biogeografia no curso de Biologia. Mais tarde passou a integrar o corpo docente do curso de Geografia, que funcionava ainda no antigo prédio da FAFIL. Um ano e meio depois saiu da biologia e ficou só na Geografia.

Outro momento marcante da sua trajetória na UNIMONTES foi a participação no processo de transformação do conjunto de Faculdades em Universidade. Com a reestruturação da UNIMONTES, o reitor José Geraldo de Freitas Drumond convidou-o para assumir a Pró-reitoria de Pesquisa. Atuou no cargo durante quatro anos,

promovendo diversas parcerias, como também inúmeros trabalhos científicos, inclusive sobre a doença de chagas.

Ainda na UNIMONTES realizou um sonho acalentado há mais de 30 anos, que foi a implantação de um Campus Universitário em Pirapora, pois há tempos “almejava levar cursos superiores para essa cidade”. Tentou em Brasília e Belo Horizonte, porém não obteve êxito. Quando a UNIMONTES, transformou-se em Universidade, e já podia fazer extensão, ele começou a lutar para a sua implantação. Teve todo o apoio do Magnífico reitor, porém houve divergências, tendo algumas pessoas contra e outras a favor. Contudo, em reunião do conselho Universitário, a proposta foi aprovada e o campus em Pirapora foi criado, onde funciona até hoje. Entretanto, o Professor Ivo exprime o seu desapontamento, em relação à falta de apoio pelo poder público local, pois o primeiro prefeito durante e após a implantação do Campus foi contra, o segundo pouco colaborou e o atual se mantém neutro. Fala com tristeza da possibilidade do encerramento das atividades acadêmicas da UNIMONTES naquela cidade: “o meu grande temor, é que a semente que eu ajudei a plantar, afastando inclusive da condição de Pró-reitor para coordenar os cursos em Pirapora, é que as atividades desse Campus venham a ser encerradas por falta de apoio local e regional. Então realmente vai ser um dia de grande tristeza para mim, se isso acontecer”.

Em função dessa série de razões, o Professor Ivo diz se sentir ligado a essa Universidade, “tão ligado a essa Universidade que ela é minha dona e eu sou dono dela”. Expõe que tem um grande carinho por ela e que continua lutando pelas suas melhorias, inclusive participando, a título de colaboração, nas suas atividades pedagógicas.

A Geografia e o seu Futuro

O Professor Ivo fala do futuro da Geografia e diz que, no que se refere a esse conjunto de conhecimentos, é ainda retrógrado, um ultrapassado, porque continua tendo como base a velha Geografia Francesa, com muito respeito pelos seus pioneiros; pois foram eles que lhe deram a base e os princípios dessa Ciência. Aponta que “A geografia para mim continua sendo aquela ciência espacial, aquela ciência dos lugares, que trabalha com as relações do homem com o meio, aquela ciência horizontalizada”. Daí recusar terminantemente a idéia de determinados autores que fez com que a geografia se perdesse no Brasil ao longo do tempo, com uma série de concepções específicas do domínio de outras ciências como:

Geografia física, Geografia humana. Há essa dicotomia? Sim. Geografia é uma ciência dicotômica, mas não se pode hoje falar do homem sem falar do meio que ele próprio modificou, e nesse caso, não se pode falar do meio sem falar do homem porque o meio foi modificado por este homem. Então homem e meio são duas coisas inseparáveis. Certo? São inseparáveis. Então eu entendo Geografia assim.

Discorda quando se fala em Geografia cultural, Geografia crítica. A seu ver toda ciência tem que ser crítica ou então não é ciência. Entende que a geografia é tudo isso: quando se vai trabalhar num espaço, trabalha-se com o homem, que nesse caso é o homem coletivo, não individual. A sociedade humana e o seu meio: deve-se trabalhar em cima da cultura daquele homem, na quantificação que ali possa ser apresentada, tem que trabalhar também com o social desse homem e, obviamente, de acordo com uma metodologia crítica, sem fazer disso a especificidade da Geografia.

Para ele a Geografia é uma ciência de síntese, que é mais platônica do que aristotélica. Geografia não tem tomos. Cita Platão: “é quando os sentidos todos se unem, se unificam”. Afirmar que a Geografia é platônica e não aristotélica. Que de Aristóteles se deve pegar apenas o método da dedução, da lógica dedutiva, da lógica indutiva, mas do ponto de vista da visão geral da Geografia, deve ser alguma coisa

sintética. “Na natureza nada se separa, Geografia trabalha com natureza, trabalha com o homem enquanto natureza também; eu não sei por que separar o homem da natureza. Então, eu entendo Geografia como essa ciência distinta”. Cita Max Sorre, reforçando que ele falou algo que parece pejorativo, mas que não é, pelo contrário: “que é a Geografia”? Ele disse: “o geógrafo é o cientista da superficialidade”. Informa que ele quis dizer que:

O geógrafo tem que entender de tudo um pouco a fim de que ele possa fazer a síntese. Se ele se aprofunda demais ele deixa de ser geógrafo pra ser biólogo, pra ser geomorfólogo, pra ser etnólogo, mas não é geógrafo. Geógrafo é essa síntese, aquele conhecimento que você tem de tudo e no momento você sintetiza aquilo e você tem um diagnóstico do espaço. É isso que é Geografia para mim.

Ao perguntar: “E o futuro da Geografia?”, para ele não há futuro sem Geografia, pois o homem sempre está modificando a si próprio, a sociedade e o meio no qual está inserido. Mudando tudo, muda também a Geografia, pois ela acompanha essas mudanças. “Tem que acompanhar essas mudanças sem perder jamais os princípios da Geografia que é o que vem acontecendo ultimamente”. Afirma que estamos perdendo os princípios da geografia, pois:

Alguns autores pegam uma citação de vários autores como Pierre George, Max Sorre, De Magon, Paul Vidal de La Blache e tiram os livros deles da prateleira dizendo que são ultrapassados. Aí dá licença, é de uma burrice inominável porque se você não tem os alicerces de uma construção qualquer, vai ruir. Se você não tem os princípios básicos de qualquer ciência, você não tem uma noção ou um vislumbre da evolução dessa ciência no início. Pode ser que eu esteja até atropelando as coisas e que eu não esteja certo, mas é assim que eu penso. Eu penso que tudo tem uma evolução e você não pode perder o sentido dessa evolução. Se você perder, você perde também a finalidade daquela ciência, se perde pelo caminho. E hoje o que acontece? Você forma uma pessoa em geografia na Universidade sem ela nunca ter lido os clássicos. Qual é a base que ela tem? Então você pega um Físico, desde os pré-socráticos, Tales de Mileto, Demócrito etc. você vai pegar direto o homem que fez a lei da relatividade? Como é que você vai compreendê-lo? De que jeito? Não tem jeito.

Afirma que é desta forma que entende Geografia: uma ciência gostosa. Acredita que o geógrafo é um dos homens mais bons informados do mundo, quando esse é geógrafo de fato, pois ele tem que entender de tudo um pouco para atuar na geografia. “Se não for assim, sai outra coisa qualquer, menos Geografia”.

Cerrado e Rio São Francisco

O cerrado é o São Francisco e o São Francisco é o cerrado. O cerrado não vai viver sem o São Francisco, pois nenhum vive sem o outro, há uma integração.

De acordo com O Professor Ivo das Chagas, o cerrado é o segundo maior bioma do território sul-americano, são 2 milhões de km², é o maior “guardador” e distribuidor de água do país. Afirma que vários testes comprovam que há 18 metros de profundidade dos solos dos cerrados tem 40% de água em relação ao peso seco do solo. Informa que “o cerrado brasileiro tem uma condição de centralidade e de altitude que tudo o que se faz nele, tem repercussão nos demais ecossistemas brasileiros, já que ele tem a altitude mais elevada que a maior parte do território nacional”. Em função disso, dele saem as grandes bacias hidrográficas do Brasil.

Nas palestras proferidas a leste, oeste, sul e norte do país, destaca que “como as cabeceiras dos rios estão no cerrado, é a área mais sensível do Brasil e o rio é o

sensor do equilíbrio ambiental”. Dessa forma o cerrado brasileiro é o eixo de equilíbrio do Brasil em termos ambientais. Tudo o que acontecer nele vai acontecer nos demais sistemas.

Aponta que do Cerrado surgem os principais rios nascidos no Brasil. Tais como, todos os afluentes perenes do São Francisco e ele próprio, Jequitinhonha, Tocantins-Araguaia e o grande rio Nordeste, o Parnaíba. O rio Paraguaçu, principal rio da Bahia nasce na Chapada Diamantina, também em pleno cerrado. Grande parte dos rios da margem direita do Amazonas nasce no cerrado e aí está o calcanhar de Aquiles do equilíbrio dos ecossistemas e subsistemas amazônicos. Tem ainda como informação:

Ao destruírem-se as cabeceiras de um rio, desequilibra-se o seu perfil longitudinal e transversal e conseqüentemente toda a sua bacia. No caso específico da Amazônia, notadamente no planalto, do lado direito do grande rio, estamos comprometendo o conjunto biótico e abiótico da região, sendo assim, estamos vilipendiando a Amazônia sem cortar uma única árvore. É isso que ninguém vê, porque infelizmente parece que nunca abriram um mapa do Brasil. Nunca abriu um Atlas ou um Mapa do Brasil para perceber estas realidades. Neste conceito estão incluídas muitas autoridades e até mesmo, muitos especialistas.

Adverte que para perceber e contribuir para salvar o resto de cerrado que ainda existe, é preciso conhecê-lo e engajar na luta para sua preservação. Considera que um dos melhores trabalhos já feito nestes termos em Minas Gerais foi a pesquisa realizada pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES e Universidade Federal de Uberlândia – UFU que fez o diagnóstico dos remanescentes do cerrado no Estado de Minas Gerais. Infelizmente como ocorre em todo o país, esse diagnóstico, apesar de sua publicação em revistas específicas, continua sem utilidade prática, e o cerrado continua em marcha batida para extinção.

Questiona – “Qual é a grande potencialidade do cerrado?” Responde ao próprio questionamento afirmando que “a grande potencialidade do cerrado é a água, água e água”. Ressalta ainda que as guerras futuras ocorrerão em torno da água e não de combustíveis e matérias-primas como hoje ocorre. E que o grande manancial de água do Brasil é o Cerrado e não o aquífero Guarani, pois esse aquífero é “maior em termos de concentração, mas ele não tem 2 milhões de Km², o cerrado tem”. Afirma que isso se for considerado apenas o Cerrado, sem contar com outros subsistemas que também fazem parte do cerrado e que vão além disso. “Então eu acho que o cerrado, do ponto de vista ambiental, é o bioma mais importante do Brasil e da América do Sul”.

Quanto ao rio São Francisco, informa que é o “único rio brasileiro que vai desde o sul até o Nordeste ligando os vários brasis, fazendo transições maravilhosas, como é o caso do norte de Minas Gerais que é uma grande área de transição, entre o Sudeste e o Nordeste”. O rio São Francisco nasce a 1428 metros de altitude e prossegue até nivelar-se com o mar. Isso significa que o perfil climático desenvolve desde o clima úmido, semi-úmido, semi-árido, pra depois entrar no úmido novamente já nas cercanias do mar. Do ponto de vista geológico, corta um imenso pacote de rochas cristalinas, mas também de rochas sedimentares e metamórficas como calcário, ardósia, xisto, metaxisto, arenitos e quartzitos.

É um rio verdadeiramente milagroso, é um rio patriótico que não apenas une os brasis, une os povos do Brasil e criou uma verdadeira civilização, a civilização barranqueira. Nos momentos de guerra além mar, dos quais o Brasil participou, serviu de caminho para as tropas brasileiras que se afastavam dos perigos oferecidos pelo mar. De certa forma salvou muita gente em tempos de guerra. É um rio patriótico e estratégico.

Como afirma o Professor Ivo, até a construção da barragem de Três Marias, esse rio alimentava fartamente todos os barranqueiros através da agricultura de vazante e do peixe. Após a construção da barragem ocorreram mudanças drásticas nesse sistema. Observa que:

Essa barragem foi responsável por grande parte da pobreza e subalimentação do barranqueiro, pois ela impediu o fluxo e o refluxo das águas no período das cheias e das secas, sacrificando a função ecológica das lagoas ribeirinhas, berçário dos peixes e impedindo a piracema até as cabeceiras, empobrecendo significativamente a biótica do rio. Além disso, o mesmo fato impossibilitou a lavoura de vazante. Assim os nutrientes vegetais e animais que estavam à sua disposição diminuíram drasticamente, levando o ribeirino a fome carencial.

O Professor Ivo fala das incertezas da transposição do rio São Francisco:

A gente não sabe o que vai acontecer com o rio, só sabe que vai gastar uma dinheirama de maneira completamente inócua. Não vão chegar a nada e eu não falo nem do ponto de vista ambiental, é do ponto de vista de dinheiro que vai ser jogado pelo ralo, que devia estar servindo à Educação regional, por exemplo.

Assevera que se o povo nordestino tivesse uma educação de alta qualidade, certamente não precisariam de nenhum programa assistencialista do governo. Cita como exemplo a Coréia do Sul e o Japão:

Para mim tinha que ter uma educação de qualidade, inclusive tecnológica também, o homem passa a solucionar os seus problemas. Mas, no Nordeste é proibida essa lição porque senão como é que muitos políticos e coronéis irão manter o seu poder? Não dá. Então é isso: educação, educação e educação. Revolução educacional é o que vai resolver o problema do Nordeste.

Destaca que o problema do Nordeste não é a seca é o mal brasileiro chamado corrupção. Afirma que é realmente uma questão de educação, pois quando morou na França, ia ao supermercado, e pôde observar que qualquer produto agrícola que comprava era importado. Que após 4 ou 5 anos da revolução agrícola ocorrida na França, estavam queimando produtos por excesso de produção, pois ela chegou com assistência técnica para um povo alfabetizado, um povo que sabia ler e escrever. Questiona: “Que assistência técnica você dá a um analfabeto?” Aponta que é preciso primeiro uma educação de base acompanhada de instrução técnica, pois o nordestino está ali “livre e solto como um pássaro”. “Educação, educação e educação, não tem outra saída não”.

Para o Professor Ivo, o São Francisco é “o mais ilustre filho do cerrado e o rio das benesses do Brasil, que infelizmente o Brasil não soube aproveitar porque ele está aí morrendo à mingua com um mundo de promessas, nenhuma delas cumprida, essa é a grande verdade”. Quanto à transposição, entende que é o último castigo talvez, pra se fazer mais “uma ferrovia do aço, uma transamazônica, uma perimetral norte, entendeu? Tudo de uma vez junto. Mandar dinheiro pro ralo”.

Fala com tristeza dos rumos que tomou as políticas brasileiras em relação ao cerrado, de toda a transformação que ocorreu nesse bioma nas últimas décadas e da impotência em barrar a sua degradação. “Há 45 anos luto pela preservação dos cerrados, mas como diria Gongora, quase sempre derrotado pelo ilustre cavaleiro Don dinheiro”. Embora tenha possibilitado através das suas palestras e artigos a sensibilização e conseqüente conscientização de grande parte do Brasil sobre a necessidade de preservação do cerrado. Fala com orgulho que “*pelo menos aqui no Norte de Minas Gerais quem semeou essa consciência fui eu, eu não tenho modéstia nenhuma em dizer: fui eu que semeiei essa consciência, então já é alguma coisa*”.

Orgulha-se de ter sensibilizado uma população bastante significativa em relação à necessidade de proteger o cerrado brasileiro, principalmente no meio acadêmico, e isso tem surtido efeitos, ainda que pontuais. Finaliza dizendo “Sei que esta minha fala vai provocar polêmicas, mas eu nunca tive medo de polêmicas, falo o que sinto e o que julgo correto, sem querer ser dono da verdade